

Stalin: história crítica de uma lenda negra

DOMENICO LOSURDO

Rio de Janeiro: Revan, 2010. 380p.

FRANCISCO QUARTIM DE MORAES*

Durante os processos de Nurembergue, foi negado aos réus dos crimes nazistas (e também nos processos de Tóquio contra réus japoneses) o recurso ao princípio dito do *tu quoque*, ou seja, argumentar que os crimes de que estavam sendo acusados eram extremamente semelhantes àqueles cometidos por seus acusadores. Ao mesmo princípio remete a expressão *leyenda negra*, que inspira o subtítulo desse imprescindível estudo de Losurdo: ela foi forjada por intelectuais espanhóis para rebater as hipócritas acusações da Inglaterra liberal, que acusava a Espanha de cometer as piores atrocidades em suas colônias, “esquecendo” que ela própria cometia enormes crimes em seu império colonial. Um crime não pode ser desculpado por outro, mas a função das lendas negras é fazer crer que os criminosos são sempre os outros.

Valendo-se com a costumeira maestria de vasta bibliografia, notadamente da documentação mais recente, Losurdo estuda os fatos mais importantes em que se apoia a “lenda negra” associada ao nome de Stalin. Ao longo de oito capítulos, com muitas subdivisões, que dinamizam a leitura e facilitam a consulta, ele aponta invencionices puras como o assassinato de Kirov e crimes comprovados como o massacre de oficiais fascistas poloneses em Katyn. Começa analisando uma das principais peças de denúncia dos crimes de Stalin: *Sobre o culto da personalidade*,

* Estudante de História na USP.

mais conhecido por *Relatório Secreto*, elaborado em 1956 por Nikita Kruschiov e lido por ele numa sessão reservada do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Fica evidente que Kruschiov apenas troca o sinal, passando do culto da personalidade positiva ao da personalidade negativa. Antes, todos os sucessos soviéticos eram atribuídos a um só indivíduo; agora todos os crimes lhe são imputados. É evidente, entretanto, que por mais genial, para o bem ou para o mal, que seja um dirigente político, ele não pode, nem de longe, ser o único responsável por tão imensa tragédia histórica, salvo a adotar-se a tese teológica “*in principio erat Stalin*”.

Num notável artigo que figura como apêndice do livro, Luciano Cânfora compara o *Relatório Secreto* a um relatório anterior que o mesmo Kruschiov havia escrito para o XIX Congresso do PCUS em outubro de 1952. Neste, o “futuro paladino da justiça”, que iria denunciar ao mundo os crimes do ditador, leva ao extremo a bajulação, atribuindo os sucessos da URSS unicamente ao “nosso amado chefe e guia, camarada Stalin”. É grotesco o contraste entre endeusamento e diabolização.

Uma das mais graves acusações feitas a Stalin é a de incapacidade militar durante a Segunda Guerra Mundial. Diz o *Relatório* que, depois das primeiras derrotas na frente, “o responsável por tudo isso, Stalin, se abstém por longo tempo de dirigir as operações militares” (p.20). Mas a partir dos registros do gabinete de Stalin descobertos em 1990, Losurdo detecta o vaivém constante das mais importantes figuras militares e políticas em seu gabinete horas depois do início do ataque nazista. Enfrentando uma situação caracterizada pelo impacto do êxito inicial da “Operação Barbarossa”, quando os exércitos do Reich nazista aproximavam-se da capital soviética, Stalin decide ficar em Moscou, de onde já se haviam retirado a maioria dos dirigentes do Estado e do Partido, e ainda, como reconheceu Wolko-gonow, autor que participou do antistalinismo militante dos anos Gorbachov, ele tomou a decisão “corajosa” de celebrar “o aniversário da Revolução de Outubro em 1941, numa Moscou sitiada e acossada pelo inimigo”(p.34).

É reconhecida a capacidade do autor para renovar antigos debates introduzindo novas perspectivas e conceitos. Assim, ele insere o confronto Trotsky-Stalin numa terceira guerra civil soviética. Após as duas primeiras – a guerra civil entre brancos (apoiados por potências capitalistas) e vermelhos; e a guerra do proletariado contra os camponeses –, a terceira dividiu “o grupo dirigente bolchevique” (p.96). A explicação dessa guerra civil entre revolucionários é evidentemente bem mais complexa do que supõem as excomunhões recíprocas. Na história do bolchevismo, as disputas foram constantes. Nem Lenin, cuja estatura teórica e revolucionária impunha respeito, acalmado os ânimos, passou incólume: uma tentativa de golpe para derrubá-lo foi aventada por Bukharin por ocasião do tratado de Brest-Litovsk. Trostsky, que naquele momento estava próximo dele, dez anos depois considerou-o o protótipo da traição burocrática: “Com Stalin contra Bukharin? Sim. Com Bukharin contra Stalin? Nunca”. Corria o ano de 1928; inconformado

com o abandono da NEP, Bukharin classifica Stalin de “neotrotskista” e de “intrigante sem princípios”. É bem conhecido o desfecho dessa terceira guerra civil, que “assumiu a crueldade de uma guerra religiosa” (p.96).

A violência no interior do poder soviético não começou nem terminou com Stalin. Os confrontos violentos vão da repressão bolchevique à sublevação dos marinheiros do Cronstadt em 1921 ao último episódio da destruição da URSS, o sangrento bombardeio da Duma, em 1993, pelos tanques do renegado Ieltsin.

A dialética perversa de Saturno devorando seus filhos não é certamente característica exclusiva da Revolução de Outubro: também nas revoluções inglesa e estadunidense a coesa unidade que presidiu à derrubada de um regime malquisto pela maioria da população se cindiu no momento de decidir sobre a nova ordem a estabelecer (p.47).

Um recurso constante de Losurdo para atingir um máximo de objetividade é apoiar-se, na defesa de uma tese, nos que sustentam a tese contrária. Quando quer exaltar o progresso técnico-científico da União Soviética, usa os autores que mais odeiam a Revolução de Outubro, por exemplo, os do *Livro negro do comunismo*. Quando quer defender o socialismo, passa a palavra a Tocqueville. Para mostrar os horrores de episódios ocorridos durante o governo de Stalin, cita a si mesmo. Para exaltar as qualidades de Stalin, ele dá voz a seus maiores adversários, nomeadamente Trotsky, que é o autor com mais obras referidas na bibliografia e também o mais citado. Seu nome aparece 44 vezes até a p.128 do livro; continua aparecendo daí até o final do texto, mas seja por cansaço ou pressa, o índice de nomes contenta-se em notar “mais...mais” (p.378).

A equiparação da União Soviética ao Reich nazista e, conseqüentemente, de Hitler a Stalin, já denunciada por Losurdo em sua demolidora crítica à noção de totalitarismo (publicada em *Crítica Marxista*, n.17), é de novo desmascarada. A doutrina nazista das raças inferiores (o *Untermensch*) é diametralmente oposta ao universalismo comunista. É o que tinha em mente Thomas Mann, quando ao ver delinear-se a guerra fria, advertiu: “Colocar no mesmo plano moral o comunismo russo e o nazifascismo, como sendo ambos totalitários, no melhor dos casos é superficialidade, no pior dos casos é fascismo. Quem insiste nessa equiparação pode bem considerar-se democrático, mas na verdade e no fundo do coração já é, na realidade, fascista, e certamente apenas de modo aparente e não sincero combaterá o fascismo, enquanto reservará todo o seu ódio ao comunismo” (p.12-13).

O princípio do *tu quoque* permite a Losurdo transferir a aplicação da “arma da comparação com Hitler” ao Ocidente imperial-liberal. Os incontáveis atos de crueldade praticados pelos estadunidenses durante a Segunda Guerra Mundial vão do fuzilamento em massa de soldados italianos na Sicília em 1943 à tortura de soldados alemães: uma comissão médica que examinou 139 prisioneiros de guerra apurou que 137 tinham os testículos destruídos em “interrogatórios” da US Army. Na guerra da Coreia, após bombardear bestialmente o norte, eles exterminaram multidões de civis que tentavam escapar dirigindo-se para o sul. Junto com seus

parceiros britânicos, em fevereiro de 1945, eles despejaram sobre Dresden uma tempestade de bombas incendiárias, provocando um morticínio comparável ao do holocausto nuclear de Hiroshima ou de Nagasaki.

O Império britânico é também responsável por reiteradas atrocidades contra as populações submetidas ao seu jugo. Em várias ocasiões esfomeou os hindus por meio de medidas punitivas (corte de suprimentos, encarecimento brutal dos gêneros alimentícios) visando aniquilar o movimento anticolonialista naquele país semicontinental. Entre 1943 e 1944, só em Bengala, essas medidas provocaram três milhões de mortes. Gandhi não exagerou: “Na Índia temos um governo hitleriano, ainda que camuflado” (p.191-192). E Mao Tsé-Tung completou: “O Ocidente odeia o Stalin não por seus erros, mas pelo seus acertos”.

MORAES, Francisco Quartim de. Resenha de: LOSURDO, Domenico. Stalin: história crítica de uma lenda negra. Rio de Janeiro: Revan, 2010. 380p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.32, 2011, p.179-182.

Palavras-chave: Stalin; Trotsky; União soviética.